

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

SVETLANA ALEXIEVICH



RAPAZES DE ZINCO

EL SINORE

ÍNDICE

9

Prefácio

—

17

Prólogo

—

25

Dos blocos de notas (na guerra)

—

41

Primeiro dia

«Porque virão muitos em Meu nome...»

—

119

Segundo dia

«Aquele morre com a amargura na alma...»

—

197

Terceiro dia

«Não recorrais às evocações e aos sortilégios; não vos contamineis com isso.»

—

265

Post mortem

—

269

O julgamento do livro *Rapazes de Zinco* (a história em documentos)

—

PREFÁCIO

«Devolveram-me outra pessoa... Não era o meu filho.»

«A fera nunca pode ser tão cruel como o homem,
tão artisticamente, tão esteticamente cruel.»

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI, *Os Irmãos Karamázov*

O utra vez a guerra, outra vez Svetlana Alexievich com o seu naturalismo cruel e duro, outra vez os dirigentes políticos a não se importarem com os rapazes que regressam a casa em «caixões de zinco», a fazerem ouvidos moucos face aos gritos das crianças e dos civis inocentes na Síria, no Iémen, no Sudão, na Somália, etc.

Rapazes de Zinco foi a terceira obra publicada pela vencedora do Prémio Nobel de Literatura de 2015, tendo as duas anteriores sido também dedicadas à temática da guerra ou, mais precisamente, das guerras. Sim, porque se trata de duas guerras diferentes.

A *Guerra não Tem Rosto de Mulher* e As Últimas Testemunhas (*cem histórias nada infantis*), ambas editadas em 1985, quando a censura começou a abrandar com a eleição de Mikhail Gorbachev para secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), são dedicadas às mulheres e crianças que combateram ou tombaram na Grande Guerra Patriótica — assim era conhecida a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) na União Soviética. Trata-se de um combate

contra o nazismo alemão em prol da independência da URSS e, por isso, é quase unanimemente considerada uma guerra libertadora. Foram muitos os que puseram de lado o facto de serem eles próprios e seus familiares vítimas das repressões estalinistas e rumaram à frente de combate para defender o seu país.

Editado na íntegra em 1989, ano em que os soldados soviéticos saíram do Afeganistão, *Rapazes de Zinco* é, porém, o retrato cruel de uma guerra imperialista, agressiva, da direcção comunista da União Soviética contra um dos seus vizinhos. Embora fosse propagandeada como «ajuda internacionalista» ao povo afegão na luta contra os «senhores feudais», o «imperialismo», etc., ela começou a despertar dúvidas na sociedade soviética, principalmente à medida que crescia o número de caixões que vinham do Afeganistão: «Fui convocado em 1981. A guerra já durava há dois anos, mas na “vida civil” sabia-se pouco dela e falava-se pouco. A nossa família pensava assim: se o governo enviou tropas para lá, é porque foi necessário. Assim raciocinava o meu pai, os vizinhos. Não me lembro de alguém ter uma opinião diferente. Nem as mulheres choravam, ainda estava tudo longe e não metia medo. Era e não era uma guerra, se admitirmos que fosse, era algo estranha, sem mortos nem prisioneiros. Ainda ninguém tinha visto caixões de zinco. Soubemos mais tarde que os caixões já chegavam à cidade, mas os funerais ocorriam às escondidas, de noite, nas lápides escreviam “morreu” em vez de “tombou”. Mas ninguém se perguntava: porque começaram de repente a morrer na tropa rapazes de dezanove anos? De vodca ou de gripe? Ou comeram laranjas a mais? Choravam-nos os seus familiares, os demais seguiam a sua vida de sempre, já que não lhes tocara a eles. Os jornais escreviam que os nossos soldados construíam pontes, plantavam áleas de amizade, e os nossos médicos tratavam mulheres e crianças afegãs», recorda um dos soldados cujo relato é publicado nesta obra.

Os militares soviéticos que morreram nessa guerra ficaram conhecidos como «rapazes de zinco», porque regressavam à terra natal em caixões de madeira que, por sua vez, continham caixões

de zinco soldados. Eles ficaram também conhecidos pelo nome de código «carga duzentos». E foi precisamente à medida que se alargava a geografia da entrega dessa «carga» que os Soviéticos despertaram para a injustiça e a crueldade do conflito.

Este livro, tal como os dois anteriores citados, baseia-se nas memórias das mães e esposas daqueles que não regressaram ou regressaram como «outras pessoas», bem como em relatos de soldados e oficiais que passaram pelo inferno do Afeganistão.

Desde Abril de 1978, quando um golpe militar de oficiais pró-soviéticos tomou o poder em Cabul, que esse país da Ásia Central começou a mergulhar numa guerra civil cada vez mais sangrenta. À luta entre os grupos rivais no Partido Popular Democrático do Afeganistão, que pretendia «fazer passar o Afeganistão do feudalismo para o socialismo, ladeando o capitalismo», juntou-se a resistência da oposição às reformas marxistas.

A 15 de Março de 1979, teve início um levantamento comandado pelo capitão Turan Ismail, que durante a guerra contra os Soviéticos passou a ser conhecido como o «Leão de Herat». Embora tenha sido esmagado pelas tropas governamentais, isso levou os dirigentes afegãos a pedirem a intervenção militar da União Soviética, mas receberam uma resposta negativa. Leoníd Brejnev, secretário-geral do PCUS, afirmou numa reunião do Bureau Político: «Penso que não devemos agora envolver-nos nessa guerra. É preciso explicar [...] aos camaradas afegãos que nós podemos ajudá-los em tudo o que for necessário [...]. A participação das nossas tropas no Afeganistão pode não só prejudicar-nos como, antes de mais, pode prejudicar os Afegãos.»

Porém, Brejnev não conseguiu resistir à pressão do ministro da Defesa, Dmítri Ustínov, e de outros membros do Bureau Político do PCUS (apenas um, Alekséi Kossýgin, primeiro-ministro soviético, se opôs a esta operação militar), tendo sido dada ordem para invadir o país vizinho. Paralelamente, um grupo de tropas especiais do KGB (serviços secretos soviéticos) realiza uma operação para

tomar o palácio de Hafizullah Amin, então presidente do Afeganistão, que é também liquidado durante o ataque. Porém, o jornal *Pravda* (*Verdade*) noticiava que «devido à crescente onda da ira popular, Amin e a sua camarilha foram sujeitos a um tribunal popular e ele foi executado».

Os americanos não perderam tempo e decidiram apoiar a oposição ao novo regime pró-soviético imposto pela força das armas. Ainda antes da invasão militar, o presidente Jimmy Carter autorizara o fornecimento de armamento a vários grupos. Era a lógica da Guerra Fria a funcionar.

Recordo-me perfeitamente do dia em que foi transmitida a notícia do envio de «um contingente limitado de tropas soviéticas» para o Afeganistão: foi no dia de Natal, 25 de Dezembro de 1979. Recebi-a de um colega soviético da Universidade de Moscovo, que eu então frequentava, mas tive dificuldade em acreditar no que ouvia, tal era o carácter inexplicável e criminoso da invasão.

A censura comunista, como recorda um dos veteranos desse conflito, «vigia atentamente as reportagens de guerra para que não mencionem as mortes dos nossos soldados, convencem-nos de que o “contingente limitado” de tropas soviéticas ajuda o povo irmão a construir pontes, estradas, escolas, distribui farinha e fertilizantes pelos kichlaks, enquanto os médicos soviéticos assistem aos partos das mulheres afegãs». Enquanto morrem dezenas e centenas de militares de todas as nacionalidades da União Soviética, «a televisão mostra como se plantam as áleas de amizade que aqui nenhum de nós viu nem plantou».

O resultado de uma guerra que durou quase dez anos foi trágico: mais de quinze mil «rapazes de zinco» e de cinquenta mil feridos soviéticos. Entre os afegãos, as perdas foram muito maiores.

Além deste balanço, é de acrescentar aqueles combatentes que chegaram a casa inválidos ou psiquicamente afectados. Talvez não seja por acaso que Svetlana Alexievich comece o prólogo com o seguinte relato:

Vou sozinha... A partir de agora terei de ir sozinha durante muito tempo...

Ele matou uma pessoa... O meu filho... Com um pequeno machado de cozinha, que eu usava para arranjar carne. Regressou da guerra e matou aqui... Trouxe o pequeno machado de volta e pô-lo no seu lugar, no armário onde guardo a louça. Acho que nesse mesmo dia lhe cozinhei uns bifes... Passado algum tempo, anunciaram na televisão e escreveram no vespertino que os pescadores tinham tirado um cadáver do lago... Todo desmembrado...

Telefona-me uma amiga:

«Leste? Um homicídio profissional... À maneira afgã...»

A mãe deste veterano exclama: «Devolveram-me outra pessoa... Não era o meu filho.» E a escritora-jornalista procura nesta obra ouvir não só relatos da guerra, mas esse terrível processo traumático após o regresso a casa.

A fim de poupar e proteger os seus interlocutores, Svetlana Alexievich não identificou os seus nomes junto aos textos e, quando o livro foi publicado, teve o efeito de uma explosão bombástica na sociedade; alguns dos visados, incitados por aqueles que continuavam a apregoar a «missão internacionalista» soviética no Afeganistão, acusaram a escritora-jornalista de ter «distorcido» relatos, publicado «mentiras», «invenções descaradas».

Não me irei debruçar aqui sobre a análise do processo judicial, pois os seus documentos são publicados neste livro – e cada leitor que faça o seu juízo. Apenas quero destacar as palavras escritas pelo grande escritor bielorrusso Vassíl Býkov em 1994: «A respiração sinistra da política imperial, que não foi levada até ao fim no Afeganistão, sente-se cada vez mais claramente na Bielorrússia. O julgamento de Svetlana Alexievich é apenas um episódio na longa cadeia de manifestações implícitas e explícitas desse género. Não é apenas o partido de Jirinóvski que transpira a saudade da superpotência e dos mares quentes, cujos apoiantes na Bielorrússia também não são poucos. “Abanar” a sociedade pós-totalitária, “cimentá-la” com novo

sangue – eis o meio para atingir o mesmo fim, o ideal ultrajado do dia de ontem...»

Em 2025, tanto as palavras de Býkov como a obra de Alexievich continuam ainda mais actuais. A 23 de Fevereiro de 2022, a Rússia, que continua a optar pelo expansionismo territorial, herdeira da Rússia dos Czares e da URSS, invade a Ucrânia, violando as normas mais elementares do Direito Internacional. Se, em 10 anos, a União Soviética perdeu 13 mil soldados, Putin, em quase quatro anos de carnificina, já sacrificou um número astronómico de civis e militares mortos e feridos nas planícies da Ucrânia. O número de «rapazes de zinco» aumenta a cada dia que passa, não se vendo a luz da paz no túnel da guerra... Não será uma Svetlana Alexievich mas dezenas ou centenas que irão trazer para a literatura milhões de «rapazes de zinco».

Será mesmo que a História não ensina nada?

José Milhazes

Casais de Santa Teresa, Novembro de 2025

Nota: por opção do autor, o prefácio respeita a grafia do Acordo Ortográfico de 1945.

A 20 de janeiro de 1801, os cossacos de Vassíli Orlóv, um chefe cossaco do Don, receberam ordem de ir para a Índia. Têm um mês para chegar até Oremburgo e, a partir daí, três meses de viagem «através da Bucara e de Khiva até ao rio Indo». Pouco tempo depois, trinta mil cossacos atravessam o Volga e penetram nas estepes cazaques...

Em Luta Pelo Poder: Páginas da história política da Rússia do século XVII,
Moscovo, Mysl, 1988, p. 475

Em dezembro de 1979, o governo soviético tomou a decisão de enviar as tropas para o Afeganistão. A guerra durou de 1979 a 1989. Nove anos, um mês e dezanove dias. Pelo Afeganistão passou mais de meio milhão de militares do contingente limitado do Exército soviético. As perdas humanas das forças armadas soviéticas totalizaram 15 051 pessoas; 417 militares desapareceram ou foram feitos prisioneiros. Segundo dados de 2000, 287 pessoas eram tidas por desaparecidas ou não tinham regressado do cativeiro...

Polit.ru, 19 de novembro de 2003

De 1979 a 1989, o exército soviético envolveu-se numa guerra devastadora no Afeganistão, que causou milhares de vítimas em ambos os lados marcando uma inteira geração. Enquanto a União Soviética falava de uma missão de «manutenção da paz», os mortos eram enviados de volta em caixões de zinco soldados.

Rapazes de Zinco é um «romance de vozes» habilmente construído por Svetlana Alexievich a partir de centenas de testemunhos — soldados, médicos, esposas e filhos — que expõe as mentiras oficiais substituindo-as pelo relato sentido e verdadeiro da experiência da gente comum, alcançando, ao mesmo tempo, um raro fulgor narrativo. Alvo de contestação e de processos judiciais aquando da sua publicação original, em 1989, acusado por críticos de ser «uma fantasia carregada de mentiras» e parte de «um coro histérico de ataques perversos», este livro é hoje unanimemente considerado uma obra fundamental da autora Prémio Nobel de Literatura, que ajudou a construir uma mudança de discurso na sociedade soviética, abrindo assim caminho para o colapso da própria União Soviética.

Com prefácio atualizado de José Milhazes, a presente edição reflete o texto revisto pela própria autora, que inclui os testemunhos do processo judicial movido à primeira edição do livro.

«Um livro magnífico e terrível.»

José Mário Silva, *Expresso*

«Uma obra-prima de reportagem,
provavelmente o seu melhor livro.»

The New York Review of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[@penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-543-4



9 789895 895434